

"Paraíso Tropical – Álbum Duplo Visual"

Uma longa jornada de Fabio Swartele

Ano: 2025 | Suporte: **série de fotofilmes / longa-metragem experimental** | Duração: **1:23:41**

Gênese, conceito e materialização de um projeto audiovisual

— O filme tornado música e a música tornada filme

A escolha do formato: o álbum como estrutura cinematográfica

A série ***"Paraíso Tropical – Álbum Duplo Visual"*** (*uma longa jornada de Fabio Swartele*) não constitui apenas um conjunto de 21 fotofilmes independentes, mas um dispositivo formal concebido a partir de uma analogia estrutural com o *long-play (LP)* de vinil — mais especificamente, o álbum duplo. A escolha do formato não é decorativa nem nostálgica. Ela organiza toda a arquitetura conceitual da obra.

O *LP* de vinil, enquanto suporte físico apresenta características fundamentais:

- **materialidade** (sulcos gravados),
- **sequência obrigatória**,
- **divisão em faixas**,
- **duração limitada por lado** (superfície),
- **experiência ritualizada de escuta**.

Ao transpor essa lógica para o campo audiovisual, a série propõe uma equivalência entre:

- **faixas musicais** – os fotofilmes
- **sulcos do vinil** – as narrações introdutórias (depoimentos, testemunhos)
- **lados do disco** – os blocos temáticos conceituais (4 blocos)
- **visualização e audição sequencial** – experiência cinematográfica contínua

O cinema proposto então deixa de ser apenas narrativo e passa a operar como um verdadeiro **objeto musical estruturado**. E a opção por 21 "faixas" não corresponde a um número arbitrário, mas evoca a lógica dos álbuns duplos clássicos, que comportavam entre 18 e 22 músicas. Essa estrutura fragmentada permite abordar temas complexos — escravidão, racismo, migração, repressão, ditadura, tortura, religião, liberdade feminina, futebol, controle do Estado — sem submetê-los a uma narrativa única e totalizante.

Cada fotofilme funciona como:

- **unidade autônoma,**
- **fragmento temático,**
- **ensaio condensado,**
- **capítulo musical.**

Esse procedimento dialoga com a tradição do cinema-ensaio fragmentário, particularmente com a montagem crítica de **Jean-Luc Godard**, em *"Histoire(s) du cinema"* (1988-1998), por exemplo, onde o pensamento se constrói por blocos descontínuos, onde o cineasta trata a história do cinema como um arquivo infinito que pode ser remontado. Ele não respeita a cronologia; ele respeita a analogia. Ele aproxima imagens de tempos diferentes para ver o que elas dizem uma da outra hoje. Para Godard, o cinema não serve para contar uma história, mas para interrogar as imagens. É um ato crítico. E tal fragmentação contida também na série **"Paraíso Tropical – Álbum Duplo Visual"**, não implica dispersão; ela organiza o pensamento em constelações, permitindo que cada "faixa" (*track*) seja experienciada como capítulo e também como parte de um todo.

Narração como sulco: o tempo antes da imagem

Um dos gestos mais sofisticados do projeto reside na função da introdução sonora. Antes de cada fotofilme, há uma camada vocal que opera como "sulco" — isto é, como inscrição preliminar que antecede a imagem. Tal escolha produz um efeito estrutural fundamental: o espectador **escuta antes de ver**. No vinil, o sulco contém a informação sonora "invisível" que só se revela pela leitura da agulha. Na série *"Paraíso Tropical – Álbum Duplo Visual"*, a voz, seja um depoimento, testemunho, entrevista, cumpre essa função simbólica: ela prepara, tensiona e inaugura a "faixa" seguinte, ou seja, o filme propriamente dito. Logo, a narração não explica; ela instiga, provoca.

Música como arquitetura de montagem

Se no fotofilme inaugural da trilogia *"Tempo de Esquecer Formas de Lembrar"* a trilha era camada sensível subordinada à voz, aqui em *"Paraíso Tropical – Álbum Duplo Visual"* ela assume papel estrutural determinante. Onde cada um dos 21 fotofilmes (*tracks*) é construído a partir de uma música previamente escolhida. A trilha assim, não ilustra a imagem; ela define:

- **ritmo de edição,**

- **duração dos planos,**
- **intensidade dramática,**
- **cadência interna.**

Essa inversão metodológica — editar imagens sobre música pré-existente — aproxima o projeto de uma lógica composicional mais próxima da música do que do cinema tradicional. Assim, o filme passa a ser montado como partitura visual.

Política, memória e forma musical

Os temas abordados — escravidão, migração, imigração, censura, repressão, tortura, ditadura militar, entre outros — não são tratados como documentário clássico, mas como ensaios musicais audiovisuais. E a forma musical permite:

- **evitar linearidade histórica simplificadora;**
 - **instaurar uma experiência sensorial antes da interpretação racional;**
 - **articular memória individual e memória coletiva.**
-

O álbum duplo como dispositivo de longa duração

Com aproximadamente 1h30 de duração total, o conjunto dos 21 fotofilmes aproxima-se da lógica do longa-metragem. Contudo, sua organização por faixas impede a absorção passiva. E cada “lado” do álbum funciona como bloco conceitual. Onde o espectador é constantemente reposicionado, tal como ao virar um disco de vinil.

A metáfora do título da série *“Paraíso Tropical – Álbum Duplo Visual”* não é apenas formal, mas epistemológica: o conhecimento não se apresenta como narrativa contínua, mas como uma sequência de camadas gravadas que precisam ser verdadeiramente percorridas.

“Paraíso Tropical – Álbum Duplo Visual”

Uma longa jornada de Fabio Swartele

Ano: **2025** | Suporte: **série de fotofilmes / longa-metragem experimental** | Duração: **1:23:41**

(RELEASE)

Arquitetura Musical, Memória Política e Expansão do Gesto Artístico

Se o curta-metragem *"Tempo de Esquecer Formas de Lembrar"* (2023, 12min 48s) inaugurava a trilogia pela via da memória íntima e da imagem fixa, e no média-metragem *"Bruttissima"* (2024, 23min 42s) deslocava o olhar ao incorporar a imagem em movimento apropriada, o longa-metragem *"Paraíso Tropical – Álbum Duplo Visual"* constitui a síntese expandida desse percurso. Não se trata apenas do terceiro filme, mas da consolidação formal, política e estética de todo o processo criativo. Aqui, o fotofilme deixa de ser unidade isolada e passa a integrar uma **arquitetura serial de longa duração**: 21 filmes (*"tracks"*) que, reunidos, configuram um longa-metragem de aproximadamente uma hora e meia.

A escolha do formato inspirado no álbum duplo de vinil não é uma metáfora superficial nem um recurso nostálgico. Ela organiza estruturalmente a obra artística. O *"long-play"* (LP), enquanto objeto técnico grava o tempo em sulcos físicos; sua escuta pressupõe sequência, a espera, virada de lado, continuidade ritualizada. Ao transpor essa lógica para o campo audiovisual, a série *"Paraíso Tropical – Álbum Duplo Visual"* assume a música não apenas como trilha, mas como **princípio organizador do pensamento cinematográfico**.

Cada um dos 21 fotofilmes da série correspondem a uma *"faixa"* (*track*); cada introdução narrada (por depoimento, testemunho ou entrevista) funciona como sulco preparatório para cada filme; cada um dos 4 blocos temáticos operam como um *"lado"* do disco. O espectador assim, não consome somente peças isoladas, mas percorre um trajeto que pode se totalmente percorrido. Esse procedimento implica uma **concepção específica de temporalidade**. Tal como no vinil (*long-play*), onde o som emerge da fricção da agulha com a matéria, aqui a imagem emerge da fricção entre música, arquivo e temas sensíveis e atuais. A montagem não parte da imagem em busca de acompanhamento sonoro; ela nasce da música previamente escolhida, cuja cadência determina a respiração dos planos, a duração das fotografias, o ritmo das transições e o grau de intensidade dramática. A música deixa de ser ilustração e passa a ser estrutura.

Essa inversão metodológica radicaliza a experiência já iniciada nos trabalhos anteriores. Se no primeiro filme *"Tempo de Esquecer Formas de Lembrar"* a música sustentava a memória íntima, e em *"Bruttissima"* a narração reorganizava a imagem apropriada, em *"Paraíso Tropical – Álbum Duplo Visual"* a trilha sonora torna-se o **eixo gerador do próprio dispositivo cinematográfico**. O cinema assim aproxima-se da partitura. Cada *"track"* funciona como micro-composição audiovisual, em que a progressão musical organiza o pensamento visual. Contudo, a dimensão musical não esgota o projeto. A série assume explicitamente um enfrentamento com a memória política brasileira. Escravidão, racismo, migração, imigração, repressão, regime militar, censura, espionagem, tortura, resistência ao Estado, controle institucional, liberdade da mulher, conquistas femininas, religião, futebol — entre outros temas, não são tratados como

capítulos historiográficos, mas como **campos de tensão sensível**. A forma fragmentária impede a linearidade explicativa e substitui-a por blocos reflexivos que se acumulam, se completam, e se confrontam.

Nesse sentido, o procedimento aproxima-se da montagem ensaística de Jean-Luc Godard, especialmente em trabalhos como *"Histoire(s) du Cinema"* (1988, 4h26m) onde o pensamento se constrói por fragmentos descontínuos. Em Godard, a história do cinema é reescrita por blocos que se interrompem e se contaminam mutuamente; em *"Paraíso Tropical – Álbum Duplo Visual"*, a história política brasileira é reorganizada por faixas que dialogam, contrastam e se tensionam ao longo da duração total do filme. Mas há uma diferença decisiva: enquanto Godard trabalha seu documentário majoritariamente com imagens de arquivo cinematográfico, a série aqui desenvolvida opera o fotofilme como **dispositivo de condensação**. A fixidez da imagem intensifica o peso histórico do tema abordado em cada um dos 21 *"tracks"*. Cada fotografia, ao permanecer na tela sob o regime rítmico da escolha sonora, torna-se superfície de inscrição política.

A metáfora do álbum duplo que dá nome a série revela-se, então, epistemológica. O conhecimento não se apresenta como argumento contínuo, mas como **sequência de gravações**. Cada faixa de *"Paraíso Tropical – Álbum Duplo Visual"*, prepara a seguinte; cada tema retorna sob nova tonalidade; cada bloco reorganiza o anterior. A experiência prolongada — e não somente a peça isolada — permite perceber recorrências como o racismo estrutural que atravessa da escravidão ao controle contemporâneo do Estado, ou a persistência da repressão que conecta regime militar e formas atuais de vigilância.

A materialidade simbólica do vinil reforça essa dimensão. Como argumenta Walter Benjamin, a reprodutibilidade técnica transforma a experiência da obra, o *LP* conserva paradoxalmente um traço aurático: exige manipulação física, sequência deliberada, atenção contínua. Segundo o autor, a reprodutibilidade técnica (fotografia, cinema) destrói a aura. No entanto, certos "traços" (rastros, memórias, ou a produção artesanal) resistem a essa padronização, mantendo uma conexão autêntica. E ao evocar essa lógica, a série de 21 fotofilmes *"Paraíso Tropical – Álbum Duplo Visual"* reivindica uma **fruição que resiste à dispersão digital**. O espectador é convidado a permanecer, a atravessar a duração, e a experimentar o conjunto como percurso.

A política da forma torna-se inseparável da forma política. Ao abordar entre outros temas, escravidão e racismo não como narrativa única, mas como faixas interligadas, o projeto evidencia a estrutura sistêmica desses fenômenos. Ao tratar futebol ao lado de repressão e religião, evidencia-se a coexistência de celebração e controle, espetáculo e disciplina. A fragmentação revela assim, a **complexidade de um país** cuja história não pode ser contada linearmente.

Formalmente, a série de fotofilmes *"Paraíso Tropical – Álbum Duplo Visual"* representa a culminação do gesto iniciado no primeiro curta-metragem *"Tempo de Esquecer Formas de Lembrar"*. E a experiência adquirida no média-metragem *"Bruttissima"* com a narração ensaística sobre as imagens reaparece nas introduções que antecedem cada faixa (*"tracks"*), funcionando como **dispositivos de preparação crítica**. A imagem fixa permanece como núcleo, mas agora serializada, multiplicada e organizada

musicalmente. A memória íntima expande-se em memória coletiva; o deslocamento do olhar converte-se em sistema formal.

O resultado é uma obra que opera simultaneamente como longa-metragem fragmentado, álbum conceitual e ensaio audiovisual político. Não se trata de ilustrar temas históricos, mas de construir uma arquitetura sensível onde música, imagem e palavra organizam uma experiência de duração compartilhada. Se o primeiro filme investigava o lembrar e o esquecer, e o segundo problematizava o olhar e a apropriação, a série finaliza o percurso ao propor uma forma: pensar o Brasil como álbum duplo, como conjunto de faixas gravadas em sulcos históricos que **continuam a vibrar no presente**.

"Paraíso Tropical – Álbum Duplo Visual"

Uma longa jornada de Fabio Swartele

Ano: **2025** | Suporte: **série de fotofilmes / longa-metragem experimental** | Duração: **1:23:41**

fabiomahoney.wixsite.com/industrial-design-pt
